



Redes Sociais na Sala de Aula

João Leal

Escola Secundária de Avelar Brotero

jjmpleal@gmail.com

Resumo: As redes sociais da Internet estão cada vez mais presentes no dia-a-dia de alunos, professores e das pessoas em geral. No entanto, estas ferramentas ainda são muito pouco exploradas em sala de aula sendo mesmo vedado o acesso em muitas escolas. Esse corte surge muitas vezes devido ao “medo” de que o aluno se interesse por assuntos que não estejam diretamente ligados ao conteúdo pedagógico e comece a invadir a privacidade do professor. Dada a crescente utilização das redes sociais, em particular o Facebook e o Twitter, e a adesão generalizada por parte dos nossos alunos, não será esta a forma de chegar até eles? De os ouvir? De conseguirmos passar a mensagem? De comunicar? Neste caso as redes sociais tornaram-se meios privilegiados de partilha de informação e comunicação entre alunos e professor também numa perspetiva de *b-learning*. Os alunos surdos sentem-se iguais aos alunos ouvintes e a sua socialização é potencializada, aumentando também o bem-estar e a partilha entre eles (algo que não existia normalmente). Este é o resultado de um trabalho realizado durante este ano letivo com um curso profissional e com alunos surdos.

Palavras-chave: Aprendizagem; comunicação; internet; redes sociais

Abstract: Internet social networks are increasingly involved in day-to-day life of students, teachers and people in general. However, these tools are still not well explored in the classroom and even denied access in many schools. This cut comes up often due to “fear” that the student is interested in matters not directly related to teaching content and begins to invade the privacy of the teacher. Given the increasing use of social networks, particularly Facebook and Twitter, and the widespread adherence by our students, is it not this the way to reach them? To hear them? For the message to get through? To communicate? In this case the social networks have become preferred ways of information sharing and communication between students and teacher, also from a b-learning perspective. Deaf students feel equal to hearing students and their socialization is enhanced, also increasing the well being and sharing among them (something that normally did not occur).



This is the result of work undertaken during this school year in a professional course and with deaf students.

Keywords: Learning, communication, internet, social networking.

Resumé: Les réseaux sociaux de l'Internet sont de plus en plus présents dans la vie quotidienne des élèves, des enseignants et de la population en général.. Cependant, ces outils sont encore très peu exploités en salle de classe et leur accès est même refusé dans de nombreuses écoles. Ce divorce arrive souvent à cause de la "peur" que l'élève s'intéresse par d'autres questions qui ne soient pas directement liées au contenu d'enseignement et commence à envahir la vie privée de l'enseignant. Étant donné l'utilisation croissante des réseaux sociaux, notamment du Facebook et du Twitter, et l'adhésion généralisée de nos élèves ces outils ne constitueront-ils pas un moyen d'arriver jusqu'à eux ? de les écouter? De faire passer le message? de communiquer? Dans ce cas- à, les réseaux sociaux sont devenus des moyens privilégiés de partage de l'information et de la communication entre les élèves et les enseignants aussi dans la perspective d'un b-learning.

Les élèves sourds se sentent égaux aux autres élèves et leur socialisation est améliorée en augmentant aussi le bien-être et le partage entre eux (quelque chose qui n'existait pas normalement). Ceci est le résultat du travail réalisé au cours de cette année scolaire avec des élèves suivant une formation professionnelle et avec des élèves sourds.

Mots-clés: apprentissage, communication, internet, réseaux sociaux..

Sociedade de Informação e Novos Saberes

Várias foram as transformações e inovações que marcam a sociedade nos nossos dias, envolvendo uma dimensão não puramente tecnológica, mas fundamentalmente económica e social. Invadem as nossas casas e são utilizados pela maior parte das pessoas sendo parte integrante do nosso dia-a-dia.

Assim, temos sociedades da informação (SI), na medida em que o desenvolvimento das tecnologias pode criar um ambiente cultural e educativo suscetível diversificar as fontes do conhecimento e do saber (Delors, 2003).

Os alunos dos nossos dias possuem competências e conhecimentos diferentes dos alunos da geração anterior visto que têm acesso a variadas fontes de informação e comunicação existentes em casa e/ou na escola, possuindo uma cultura diferente e vivendo segundo novos valores e padrões sociais (Silva, 2004).



A SI caracteriza-se pelo novo tempo civilizacional e tecnológico, facultado pela revolução tecnológica das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) (pilares desta 'nova' sociedade), pois disponibilizam instrumentos de trabalho adaptados às novas exigências impostas pela SI, flexibilidade em espaço e tempo, acessibilidade, individualização e interatividade, permitindo uma maior disponibilidade e uma generalização do acesso à educação (Fonseca, 1999).

Paralelamente a esta implementação da SI associam-se preocupações de garantia de igualdade de acesso aos recentes meios de informação e transmissão de conhecimentos para todos os cidadãos de forma a construir mais e melhor democracia, combater a info-exclusão e as desigualdades culturais, sociais e económicas, a modernização do país de forma a torná-lo mais competitivo (Silva, 2004).

Almeida, Marques & Alves (s.d.) alegam o facto de se dever assumir a importância do conceito de *long life learning* enquanto fator que estrutura os percursos profissionais ao mesmo tempo que também questiona a conceção de carreira profissional enquanto processo de exercício profissional contínuo.

Este conceito de SI nasce com a necessidade de conjuntamente explicar e justificar o conjunto de factos sociais a que temos vindo a assistir e em que as tecnologias de informação estão na base destes fenómenos (Oliveira, 1997).

A designação de "aldeia global" nos media é muito vulgar devido ao facto da globalização "*ter ocorrido/estar a ocorrer suportada pelo extraordinário desenvolvimento das Tecnologias de Informação e de Comunicação (TIC) o que veio opor a "revolução digital" à "revolução industrial", provocando uma transformação paradigmática nas formas de produção, de consumo e de circulação de bens e pessoas*" (Patrocínio, s.d., p. 2).

O trabalho resultante da participação e empenho de toda a comunidade é uma mais-valia para uma mudança que sustente "*uma comunidade profundamente democrática e auto-regulada*" na qual "*todos os seus membros concorrem genuinamente para a formação de uma vontade e de um saber colectivos*" sem "*territórios estanques, fechados ou hierarquicamente justapostos*" (Alves, 2002, p. 12). Potenciar interações e enquadrá-las num alinhamento direccionado para a construção de uma visão comum são incontornáveis numa lógica de integração de forma a ultrapassar a lógica de dispersão ou seleção (Azevedo, 2003) que tem frequentemente marcado a vida da comunidade escolar.



A SI conduz progressivamente a uma modificação radical de estilos de vida, de modos de comunicação, de artes de conviver, de manifestação do diverso e de funcionamento da democracia no contexto das sociedades atuais. Deste modo, a SI não se esgota na reducionista visão tecno-lógica do mundo, passando a representar um notável *“desafio à liberdade humana de empreender e de determinar o seu destino colectivo”* (Carneiro, 2003, p.217).

Redes Sociais

“Rede Social” foi criada por diversos investigadores para explicar e compreender os agrupamentos sociais e como eles surgiam (Watts, 1999 e 2003), (Adamic & Adar, 2005) e (Wellman, 2002). As Redes Sociais on-line surgiram para facilitar a disseminação de ideias (Ahmad & Teredesai, 2006).

Comunidades on-line são definidas como grupos de pessoas distribuídas e que contribuem voluntariamente com informação num espaço social comum, suportado por uma comunicação em rede (Cummings et. al., 2002), sendo organizadas, normalmente, em torno de um ou vários interesses comuns.

Porém, nem toda a Rede Social é uma comunidade virtual já que a última pressupõe relações sociais mais fortes do que as que são encontradas em grande parte da rede (Wellman, 2002).

As Redes Sociais, são criações pré-tecnológicas analisadas há décadas pelos sociólogos (Kleinberg, 2006) e que, segundo Marteleto (2001), representam um conjunto de participantes autónomos, com ideias em conjunto e recursos em torno de valores e interesses compartilhados. Já Boyd (2006), define como um sistema que permite a criação de perfis individuais ou em grupo, para que existam trocas sociais mediadas pelo computador. Finalmente, Schuler & Day (2006) destacam a importância da Internet para difusão de ações que podem ser distribuídas pelo mundo todo, assim é criado um novo papel da sociedade civil na Internet.

As Redes Sociais possibilitam diversos tipos de relações (trabalho, estudo, amizade...) embora quase sempre passem despercebidas, tendo ultrapassado o âmbito académico e científico. Podemos observar esse movimento que conquista cada vez mais adeptos, aglutinando pessoas com interesses em conteúdos específicos, ou interesses em estabelecer relacionamentos. Tudo isto é suportado com um *“software social”* que, com uma interface amigável, apoia os conteúdos e interação. O uso desses recursos gera uma rede em que os membros convidam os seus “amigos”



para participar, desenvolvendo uma rede de contactos profissional e/ou pessoal, que certamente irá ter pontos de contacto com outras redes.

Inicialmente com o mIRC (*chat*) era obrigatória a presença das pessoas naquela mesma hora do dia para conversar. Através das Redes Sociais *on-line*, *passou a ser possível* a comunicação a qualquer hora do dia; as pessoas deixavam recados e quando conectavam a rede liam e respondiam, dando uma certa comodidade que não existia anteriormente, facilitando imenso a comunicação.

As pessoas com necessidades educativas especiais, possuem características que vão contra o “padrão de normalidade” da sociedade. São também pessoas que existem, sentem, pensam e criam, não se podendo privar as mesmas de experiências reais, que proporcionem condições de desenvolvimento que valorizem a independência corporal e a maturidade emocional.

Redes Sociais na Sala de Aula

Diversos estudos enfatizaram a importância que a estrutura social tem no desempenho organizacional. A taxa da propagação de convenções sociais numa sociedade é afetada pela estrutura complexa da rede entre os membros (Delgado, 2002). As Redes Sociais *on-line* constituem relações e estabelecem ligações entre os membros de um grupo buscando conectar pessoas e proporcionar sua comunicação. A interação de uma comunidade promove a partilha da informação e do conhecimento incentivando o desenvolvimento de inovações, uma vez que os membros de uma comunidade têm objetivos comuns.

A participação faz a ponte entre as distâncias percebidas entre os vários grupos, diminuindo as distinções e fazendo aumentar a identificação com a organização e a aceitação dos valores e premissas da organização. A participação nas redes sociais também tende a dinamizar as práticas comunicativas, ou seja, os indivíduos passam a ter maior acesso comunicativo e o leque de tópicos que se pode discutir é muito maior e personalizado o que favorece, entre outros, os laços de confiança.

Apesar de necessitarem de acompanhamento a vários níveis, as TIC contribuem quer pelas possibilidades de transmissão de conhecimentos nas diversas ferramentas que as compõem, assim como pela conjuntura proporcionada aos alunos na interação com a mesma, familiarizando e difundindo o seu uso e, sobretudo, pela série de novas alternativas de utilização, que podem conduzir a um aumento de crescimento e desenvolvimento interpessoal e tecnológico. Porém, não é suficiente



disponibilizar estas novas tecnologias, uma vez que a sua utilização na sala de aula deverá ser planeada antecipadamente com objetivos claros, precisos e possíveis de perceber. Isto é, a metodologia deverá determinar o uso das TIC de forma mais ou menos intensa, de acordo com o grau de exigência, objetivos específicos e capacidade de absorção dos alunos nessas interações (Vanti, Loebens, Ferro, 2004).

A utilização das redes sociais neste caso particular facilitou a comunicação com os alunos e ao existir a possibilidade de interação com outras pessoas, outros alunos (ouvintes e surdos), outras escolas, faz com que seja muito mais empolgante!

A utilização das TIC e das Redes Sociais na escola pode ser feita desde a educação pré-escolar até à educação de adultos, isto é, ao longo de todo o processo educativo. No entanto, embora se tratem das mesmas tecnologias estas ajustam-se à aprendizagem em diferentes épocas da vida, sendo evidente, que os objetivos são diferentes em cada idade, variando os modelos pedagógicos tendo aspetos diferentes em cada estágio (Dias, 2004).

As Comunidades de Aprendizagem enfatizam a comunhão dos membros em torno de um determinado tópico afim de vivenciar experiências e novas formas de constituição do conhecimento por meio da aprendizagem colaborativa (Aretio, 2003).

As Novas Tecnologias de Informação e comunicação podem promover grandes mudanças nas formas de relação e de aprendizagem.

É necessária a vida 'social' de uma comunidade, que proporciona o envolvimento, necessário à ação e ao sucesso da própria comunidade.

A sensação de "pertencer" ao grupo, ou comunidade, é que leva o indivíduo à colaboração e cooperação. Esta pertença é uma evidência nos alunos surdos. Participam muito mais e acolhem estes "grupos" de forma bastante ativa.

O primeiro requisito de uma comunidade virtual é a formação de um grupo de pessoas que estabelecem entre si relações sociais que "são construídas através da Interação mútua" (Primo, 1998) entre os indivíduos, em um período de tempo, tendo a permanência entre seus requisitos fundamentais (Palácios, 1998).

A própria comunidade organiza-se e autorregula-se. Todos os membros aprendem lendo as mensagens, e ajudando-se quando uma situação problema ou questão é posta. Durante os processos de interação, os membros constroem e expressam competências, que são reconhecidas e valorizadas de imediato pela própria comunidade.



Tal como afirma Castells (1999) nas comunidades virtuais *“constroem-se afinidades, parcerias e alianças intelectuais, sentimentos de amizade e outros, que se desenvolvem nos grupos de interacção, da mesma forma como acontece entre pessoas que se encontram fisicamente para conversar”*.

No caso particular, as redes sociais tornam-se cada vez mais indispensáveis para contacto com os alunos e também para partilha de informação, sendo o Facebook o mais utilizado.

A participação dos alunos melhorou imenso. A sua motivação também e tal torna-se evidente a cada dia que passa. Para exemplificar, em duas visitas de estudo onde realizaram pequenos workshops de multimédia (sobretudo rádio e televisão) escolheram como tema as redes sociais e salientaram a importância das mesmas sem esquecer os perigos associados.

A presença do professor é constante, a socialização também e a aprendizagem torna-se permanente denotando-se uma grande evolução dos alunos que mais participam a vários níveis, mas sobretudo ao nível social e de aprendizagem.

Salientar e analisar os perigos que se correm utilizando as redes sociais e também a internet acaba por ser uma grande mais-valia e uma ajuda preciosa no desenvolvimento dos alunos.

Torna-se evidente que ensinar com as TIC e utilizando também as redes sociais só fará sentido se mudarmos, paralelamente, os padrões concertados do ensino, que mantêm distantes professores e alunos. Se não se fizer essa mudança estaremos apenas a dar um toque de *“verniz de modernidade”*, sem tocar no fundamental (Moran, s.d.). Embora as TIC sirvam de base a uma disciplina escolar, esta não poderá ser tratada como *“mais uma”* disciplina no meio de tantas outras, pois desta forma tratam-se estas tecnologias como mais um assunto a estudar da maneira habitual, ao invés de provocar qualquer alteração de fundo no currículo ou na vida da escola (Ponte, 2000).

Citando Amorim (2001, p. 15) *“a velocidade e a amplitude de capacidades integradas possibilitadas pelas TIC disponibilizam oportunidades, recursos e instrumentos que se revelam extremamente exigentes em competências que defendam os utilizadores da obsolescência”*. Assim, as TIC possibilitam a utilização de variados instrumentos, recursos e novos serviços de formação, que rompem com as rotinas das instituições formais de ensino, sendo deste modo impulsionado o desenvolvimento de uma infraestrutura inovadora, que responde ao perfil das necessidades de formação contínua (idem).



As TIC devem ser utilizadas de forma livre e criativa por parte de professores e alunos, nomeadamente em trabalhos de projeto, possibilitando um claro protagonismo do aluno na aprendizagem. Por outro lado, a sua integração curricular nem sempre é fácil, podendo, contudo, ajudar na aprendizagem de muitos conteúdos, recorrendo a técnicas sofisticadas de simulação e de modelação cognitiva baseadas na inteligência artificial, criando, simultaneamente, espaços de interação e comunicação, pelas possibilidades alternativas que fornecem de expressão criativa, de realização de projetos e de reflexão crítica (Ponte, 2000).

Segundo Jonassen (2000, p. 305) para implementar com sucesso as TIC (assim como as ferramentas cognitivas) na aprendizagem, pressupõe-se que toda a comunidade educativa *“respeite e encoraje o pensamento crítico e a construção pessoal do conhecimento como objetivos significativos”*. Deste modo, os alunos passarão os seus tempos na escola *“envolvidos de forma activa e consciente no pensamento e na aprendizagem (articulando o que sabem e reflectindo sobre a sua relevância pessoal e social)”*, aprendendo também a *“regular os seus próprios hábitos de aprendizagem”* (Jonassen, 2000, p. 305).

Crato (2006, p. 65) considera mesmo que *“todos os educadores que merecem esse nome aceitarão que o conhecimento acrítico, puramente memorizado e mecânico é insuficiente”*.

Deste modo, as TIC e a utilização das redes sociais proporcionam uma nova relação dos atores educativos com o saber, um novo tipo de interação do professor com os alunos, uma nova forma de integração do professor na organização escolar e na comunidade profissional. A responsabilidade dos professores aumenta, na medida em que passam a assumir uma função educativa de extrema importância, dado que de (re)transmissores de conteúdos, passam a ser co-aprendentes com os seus alunos, com os seus colegas, com outros atores educativos e com elementos da comunidade em geral (Ponte, 2000).

A organização de contextos e recursos para os usos das novas tecnologias melhoram a qualidade da aprendizagem e desenvolvem novas habilidades e competências para a cidadania e qualificação para a participação social produtiva. Poderemos considerar os alunos como construtores ativos, e os professores devem-se tornar participantes ativos no processo de construção do conhecimento centrando-se nos alunos. Assim, a responsabilidade dos professores aumenta uma vez que a sua função educativa como co-aprendentes com os seus alunos é de extrema importância.



É necessária uma rápida e eficaz transformação na escola e no ensino, visto que não é possível manter um sistema atualizado e dinâmico sem que os professores e outros agentes intervenientes no processo sejam verdadeiros agentes de mudança e inovação. Paralelamente, a constante mutação dos modelos de aprendizagem centra-se cada vez mais nas novas tecnologias ao mesmo tempo que cada vez mais a ação da escola converge na gestão da informação e não apenas e só na sua transmissão.

Assim, a organização de contextos e recursos para os usos das novas tecnologias melhoram a qualidade da aprendizagem e desenvolvem novas habilidades e competências para a cidadania e qualificação para a participação social produtiva. Devem-se então qualificar os professores para incorporar os recursos da TIC's nas suas práticas educativas, visando a apropriação pessoal e coletiva dos recursos tecnológicos, analisando e avaliando a adequação do seu uso para a melhoria da aprendizagem. Deste modo, poderemos considerar os alunos como construtores ativos, e os professores devem-se tornar participantes ativos no processo de construção do conhecimento centrado-se nos alunos. Deste modo, a responsabilidade dos professores aumenta uma vez que a sua função educativa como co-aprendentes com os seus alunos é de extrema importância.

Ao nível de redes sociais, o papel de professor torna-se fundamental quer na gestão, quer na organização, quer no debate de ideias tendo que transparecer a ideia de presença constante mesmo que as atividades se autorregulem ao fim de algum tempo.

Através das redes sociais os professores passam a estar mais presentes na aprendizagem de todos os alunos e também a acompanhar estes alunos através de um formato de *b-learning* "camuflado". Este acompanhamento e participação é feito, sobretudo, através de páginas Web, e-portefólios, grupos abertos no Facebook e divulgação e partilha de informação.

A utilização de ferramentas Web 2.0 gratuitas e a rede social Facebook com grupos específicos (e abertos) criados para separar e inserir informação pertinente são fatores preponderantes e fundamentais para o sucesso desta atitude perante as novas tecnologias e a sua utilização em sala de aula. As contas de cada um são pessoais e a forma de utilização vai ao encontro daquilo que é hábito e usual em cada aluno e professor.

Devemos realçar um fator muito importante que é a comunicação, onde *"comunidades virtuais de pessoas de diferentes espectros de actividade confrontam*



as suas ideias, dúvidas e saberes, incluindo alunos, professores, pais, cientistas, políticos e outros tipos de actores sociais" (Dias, 2004, p. 26). Os alunos ouvintes e surdos participam de igual forma e a barreira a nível da comunicação deixa de existir. Os alunos passam a ser todos "iguais" e a diferença e dificuldade de comunicação e compreensão deixam de ser problema a transpor, mas aprendizagem a evoluir. O processo interativo da comunicação na Internet, permite diálogos a baixo custo e em tempo real. Para além disso, o seu potencial sociabilizante é indubitavelmente compreendido, principalmente quando reparamos que alguns dos alunos mais tímidos passam horas *on-line*, trocando experiências com comunidades de amigos virtuais (Dias, 2004).

Conclusões

Nos nossos dias as TIC existentes e as que vão emergindo incidem na elaboração, preparação e apresentação de conteúdos didáticos para o aluno. Convém salientar, que por exemplo o computador pode ser importante na medida em que é portador de aspetos culturais que agem na promoção de movimentos sociais culturais e intelectuais. Porém, não elimina nem substitui a atividade construtiva, podendo sim auxiliar no processo de aprendizagem, ao estabelecer relações entre as estruturas que o aluno deve possuir e o desenvolvimento de novas estruturas mais complexas (Vanti, Loebens & Ferro, 2004).

"As pessoas estão sempre a querer que os professores mudem" (Hargreaves, 1998, p. 5). Cada vez mais esta citação se enquadra na realidade do mundo. O mesmo autor salienta o facto de que poucos querem atuar relativamente à economia, mas todos querem agir na educação.

Estas novas ferramentas para o ensino e aprendizagem podem promover alterações nas práticas de ensino e no modo como a aprendizagem é conseguida. Porém, não se pense que são as TIC aplicadas na Educação, o milagre que irá salvar o Ensino e que originará aproveitamentos escolares positivos. A sua inclusão na prática pedagógica, poderá ser uma mais-valia melhorando as condições e enriquecendo as estruturas mentais de alunos e professores o que se evidenciará, certamente, nos resultados finais.

As TIC são então um meio indubitavelmente importante na preparação dos alunos para o mundo do trabalho, dado que fomentam o desenvolvimento de capacidades de vária ordem indispensáveis mas impossíveis num modelo de formação tradicional. Paralelamente os alunos têm motivação acrescida e um maior acesso ao conhecimento.



Com base nos estudos de Izzard (Izzard *et al.*, 2003), o ecrã já não é apenas uma ferramenta para visualização de conteúdos, mas uma superfície partilhada utilizada para diversas tarefas através de uma comunidade aberta de utilizadores. Aspectos importantes como mecanismo de partilha e mudança da própria era digital.

Além disso, pesquisas comprovam que as TIC possibilitam meios que venham a favorecer a inclusão de pessoas com deficiência (Santos e Schlünzen, s.d.).

Os alunos surdos sentem-se “iguais” aos outros alunos e todos comunicam ativamente de igual forma e sem barreiras. Os alunos surdos, desde que tenham acesso à Internet participam voluntariamente e constantemente através de conversação online, partilha de informação e debate de assuntos ligados ao seu interesse académico, pessoal e social.

Tornou-se evidente a evolução dos alunos surdos relativamente a socialização e aprendizagem pois o contacto através das redes sociais passou para a realidade e o contacto e comunicação a nível físico tornou-se uma constante (com aprendizagem mútua de língua gestual). Para além disso, os alunos surdos evoluíram a nível pedagógico e científico ao comparar e analisar os trabalhos dos alunos ouvintes.

Assim, como todos reconhecemos, é colocado um grande desafio a toda a Comunidade Educativa (a todos os níveis do sistema: micro, meso e macro) que é o de compreender que as TIC fornecem à escola a oportunidade de ultrapassar o modelo de reprodução de informação e dotá-las de um modelo de trabalho baseado na construção partilhada do conhecimento, aberto aos contextos sociais e culturais, à diversidade dos alunos, aos seus conhecimentos, experimentações e interesses, constituindo-se desta forma como uma verdadeira Comunidade de Aprendizagem.

Alguns alunos surdos estão neste momento a realizar formação em contexto de trabalho com uma empresa ligada ao Instituto Pedro Nunes em Coimbra (sem espaço físico para trabalhar mas que não é impeditivo de ser uma empresa de topo a nível nacional) e o trabalho, comunicação e partilha de informação é feito através de redes sociais (sobretudo Facebook) e conta de correio eletrónico. Desta forma a barreira de acesso ao mercado de trabalho é completamente desmistificada e estes alunos poderão entrar no mercado de trabalho sem complexos e em pé de igualdade com qualquer outro aluno.

A escola deixará de ser o único centro de aprendizagem. Os alunos têm fácil acesso a múltiplos produtores de conteúdos educativos, como os meios de comunicação



social e as tecnologias de informação. A aula tem que ser um momento de reflexão, de transmissão e aquisição de conhecimentos e nada mudará isto! O professor terá de colocar o progresso dos alunos acima de tudo, respeitar os alunos, saber manter a disciplina, ser capaz de despertar o interesse dos alunos, ser um profundo conhecedor dos conteúdos curriculares, ser bom comunicador, ser organizado na transmissão de conhecimentos e na organização das atividades da turma. É essencial que os alunos sejam cidadãos atualizados, que percebam o mundo que os rodeia, que saibam utilizar as novas tecnologias, que saibam falar Inglês, para além de Português. Tudo isto gira em torno da comunicação. E o professor, como comunicador do séc XXI não é aquele que se submete a um sistema baseado no passado, mas sim aquele que entende e absorve as plataformas do presente e recebe, sem medo, as do futuro.



Referências bibliográficas

- Adamic, L. & Adar, E. (2005). *How to Search a Social Network*. *Social Networks*, n. 27, vol. 3, Pp.187-203. Acesso em: 14/07/2007. Disponível em: <http://www.hpl.hp.com/research/idl>
- Ahmad, M. A. & Teredesai, A. (2006). Modeling spread of ideas in online social networks. In Proceedings of the Fifth Australasian Conference on Data Mining and Analytics ACM - Volume 61. P. Christen, P. J. Kennedy, J. Li, S. J. Simoff, and G. J. Williams, Eds. *Conferences in Research and Practice in Information Technology Series*, vol. 245, Sydney, Australia, Pp. 185-190.
- Almeida, A., Marques, M. & Alves, N. (s.d.). *Carreiras Profissionais: Novos caminhos para as relações de trabalho?. IV Congresso Português de Sociologia*. Acesso em: 04/04/2006. Disponível em: <http://www.aps.pt/ivcong-actas/Acta065.PDF>
- Alves, R. (2002). *A Escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. Porto: Edições ASA.
- Amorim, M. (2001). *As TIC e a aprendizagem ao longo da vida*. Dissertação de Mestrado em Gestão de Ciência, Tecnologia e Inovação Aveiro: Universidade de Aveiro. Acesso em: 14/01/2007. Disponível em: http://www2.egi.ua.pt/mestrados_2000-2001/tig/trabalhos/TI-Marlene.PDF.
- Aretio, L. G. (2003) *La educación a distancia. Una visión global*. Acesso em: 14/08/2004. Disponível em: <http://www.uned.es/catedraunescoead/articulos/2003/la%20educacion%20a%20distancia%20una%20vision%20global.pdf>
- Azevedo, Joaquim (12003). *Cartas aos directores de escolas*. Porto: Edições ASA.
- Boyd, D. (2006). *Identity Production in a Networked Culture: Why Youth Heart MySpace*. St. Louis, Missouri. Acesso em: 14/07/2007. Disponível em: <http://www.danah.org/papers/AAAS2006.html>
- Carneiro, R. (2003). *Fundamentos da Educação e da Aprendizagem. 21 ensaios para o século 21*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Castells, M. (1999). *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra
- Crato, N. (2006). *O «Eduquês» em Discurso Directo – Uma crítica da Pedagogia Romântica e Construtivista*. Lisboa: Gradiva.
- Cummings, Jonathon N, BUTLER, Brian. KRAUT, Robert. (2002). *The Quality of online Social Relationships*. *Communications of the ACM*, Volume 45, Number 7, Pp. 103-108.
- Delgado, J. (2002). *Emergence of social conventions in complex networks*. *Artificial Intelligence*, Pp. 141:171–185.



- Delors, J. (org.) (2003). *Educação um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Lisboa: Edições ASA.
- Dias, Emanuel (2004). E-Learning – Contribuição para o ensino do design têxtil. Dissertação de Mestrado. Braga: Universidade do Minho, Escola de Engenharia. Acesso em: 11/01/2007. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/943>
- Fonseca, João José S. (1999). *A Educação à Janela. Educação à Distância em Portugal: Potencialidades e Vulnerabilidades*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Ciências Humanas. Acesso em: 05/12/2006. Disponível em: <http://www.geocities.com/joaojosefonseca/tese.doc>
- Hargreaves, A. (1998). *Os Professores em Tempos de Mudança*. Amadora: McGraw-Hill.
- IZZARD, S., Brig., Harry, R., Tom, R., Yvonne, U., Mia, D. (2003). *A public interactive surface supporting the cooperative sharing and exchange of media*, The Mixed Reality Lab, University of Nottingham, Nottingham, UK NG8 1BB, The Interact Lab, COGS, University of Sussex, Sussex, UK.
- JONASSEN, David H. (2000). *Computador, Ferramentas Cognitivas – Desenvolver o pensamento crítico nas escolas*. Porto: Porto Editora.
- KLEINBERG, J. M. (2000). *Navigation in a Small World*. Nature, v. 406, Pp. 845.
- MARTELETO, Regina Maria. (2001). *Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação*. Ciência da Informação, Brasília, v. 30, n. 1, Pp. 71-81.
- MORAN, José Manuel (s.d.). *Mudar a forma de ensinar e aprender com tecnologias. Transformar as aulas em pesquisa e comunicação presencial-virtual*. Acesso em: 16/12/2006. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/uber.htm>
- OLIVEIRA, Lia Raquel Moreira (1997). *Alfabetização Informacional na sociedade da informação*. Tese de Mestrado. Braga: Universidade do Minho, Instituto de educação e Psicologia. Acesso em: 02/01/2007. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/11>
- PALACIOS, M. (s.d.). *Cotidiano e Sociabilidade no Cyberespaço*. Acesso em: 11/01/2000. Disponível em: <http://facom.ufba.br/pesq/cyber/palacios/cotidiano.html>



- PATROCÍNIO, J. Tomás (s.d.). *Tecnologia, Educação, Cidadania – (Re)pensar projectos educacionais numa abordagem compreensiva da contemporaneidade*. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa (tese de Mestrado). Acesso em: 10/12/2006. Disponível em: <http://lsm.dei.uc.pt/ribie/docfiles/txt20037292430Tecnologia.pdf>.
- PONTE, J. P. (2000). Tecnologias de informação e comunicação na formação de professores: Que desafios? *Revista Ibero-Americana de Educación*, 24, 63-90. Acesso em: 06/01/2007. Disponível em: <http://www.rieoei.org/rie24a03.htm>
- PRIMO, A. (1998). *Interação Mútua e Interação Reativa: Uma proposta de Estudo*. Trabalho apresentado no XXI Congresso da Intercom. Recife, PE. Acesso em: 21/07/2007. Disponível em: <http://usr.psico.ufrgs.br/~aprimo/pb/intera.htm>.
- SANTOS, D. & SCHLÜNZEN, E. (s.d.). *Os Projectos de Trabalho e as Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC potencializando a aprendizagem de pessoas “especiais”*. Actas do VII Congresso Iberoamericano de Informática Educativa. Acesso em: 15/01/2007. Disponível em: <http://www.niee.ufrgs.br/ribie2004/Trabalhos/Comunicacoes/com549-559.pdf>
- SCHULER, D. & DAY, P. (2006). *Shaping the Network Society: The New Role of Civil Society in Cyberspace*. Journal of the American Society for Information Science and Technology, Cambridge.
- SILVA, A. (2004). *Ensinar e Aprender com as Tecnologias*. Dissertação de Mestrado. Braga: Universidade do Minho, Instituto de educação e Psicologia. Acesso em: 20/11/2006. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/3285/1/TESE+-+Ensinar+e+Aprender+%20com+as+TIC.pdf>
- SILVA, B. (2001). As Tecnologias de Informação e Comunicação nas Reformas Educativas em Portugal. *Revista Portuguesa de Educação*, ano/vol. 14, número 002. Braga: Universidade do Minho. Acesso em: 14/12/2006. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/374/37414206.pdf>
- VANTI, A., LOEBENS, J. & FERRO, C. (2004). *Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC) no Ensino Superior: Um Estudo no Auxílio à Formação do Administrador de Recursos Humanos (RH)*. Revista da Faculdade de Ciências Empresariais da Universidade Católica, Nº 2, fevereiro 2004. Acesso em: 10/02/2007. Disponível em: http://www.ucu.edu.uy/Facultades/CienciasEmpresariales/RevistaFCE/revista2/pdf/TIC_vanti.pdf